

## **A Escrita de Si (na História do Outro) Jornalística e Literária de Gabriel García Márquez em “Relato de um Náufrago”<sup>1</sup>**

Joycy Ambrósio da Silva<sup>2</sup>

Tamires Ferreira Coêlho<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### **RESUMO**

Este artigo parte de uma pesquisa monográfica e tem como objetivo apresentar a potência da escrita de si para o jornalismo, à luz de uma perspectiva de base foucaultiana, conceituada por Rago (2013), e articular este conceito ao jornalismo literário de Gabriel García Márquez na obra “Relato de um Náufrago”. A escrita de si é trazida como elemento teórico-metodológico e a pesquisa reflete sobre a prática da liberdade em jornais, abordando estratégias a partir das quais o jornalista exercita uma escrita livre e fala sem medo mesmo em um contexto autoritário. O cuidado de si, na escrita de García Márquez, se estabelece nas artes do pensamento, na experiência da diversidade, em textos muito bem marcados, com seu estilo autêntico e romântico. Seus escritos sugerem outros modos de investigar, de se relacionar com as fontes, de escapar de sistemas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita de si; jornalismo literário; García Márquez.

### **1. Ponto de partida: o porto de onde sai a pesquisa-navio**

A maioria das pessoas já passou pela experiência de se contar ou de contar uma história de outro alguém, de autobiografar a vida ou apenas um fragmento dela, seja de maneira documental ou ficcional. Correspondências trocadas, diários registrados, crônicas e memórias são documentos que registram o ato de se escrever. Escrever sobre si é navegar por si mesmo, pela alma e pelo corpo. Revela-se, então, a subjetividade do autor, as construções de suas verdades, registros que não são sobre acontecimentos, e sim, como tais situações foram sentidas, vistas e provadas pelos escritores de si. Como dizia Gabriel García Márquez (2002<sup>4</sup>, p. 8), “La vida no es la que uno vivió, sino la que uno recuerda y cómo la recuerda para contarla”<sup>5</sup>.

E, se por um lado, existe quem navega por sua própria escrita, por outro existe quem sente o desejo de saber sobre o marear dos marinheiros. Narrar uma história com

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada no curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), email: [joycyambrosio@gmail.com](mailto:joycyambrosio@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), email: [tamiresfcoelho@gmail.com](mailto:tamiresfcoelho@gmail.com).

<sup>4</sup> Todas as menções diretas à obra serão acompanhadas por traduções feitas pelas autoras deste artigo.

<sup>5</sup> “A vida não é a que você viveu, mas o que você recorda e como a recorda para contar”.

---

todas suas transformações e sentidos cria identidade e composição de passado com universo de criações culturais diferentes, de tal maneira que as pessoas e os grupos se deparam com a importância de atribuir sentidos especiais, por mais simples que eles sejam, associados às suas próprias vidas, apenas para serem igualmente merecedores de lembranças. Para Cavallari, o indivíduo, ao escrever sobre acontecimentos do cotidiano:

reativa e recupera as regras conhecidas, consideradas como verdades a ser seguidas, e transforma a ação do indivíduo sobre o mundo e a relação consigo mesmo. Igualmente, a relação com o outro se faz por meio da escrita, pois é através dela que experiências pessoais são eternizadas no papel e, posteriormente, difundidas. (2014, p. 150).

A obra “Relato de um naufrago” seria uma autobiografia, se não fosse, tempos depois, revelada a estratégia de escrita em primeira pessoa para dissimular um sistema, fazer questionamentos políticos e sociais e conquistar os leitores de jornais.

Em fevereiro de 1955, os jornais colombianos informaram a população sobre o naufrágio no mar caribenho do navio da Marinha colombiana *destroyer* Caldas. O evento registrou a morte de sete marinheiros, além de um que se salvou e foi encontrado em terra firme 10 dias depois: era Luís Alejandro Velasco. Para García Márquez (2002), poderia ter sido a reportagem do ano, mas foi dificultada pelos serviços do Estado. A Marinha manteve o marujo incomunicável. Semanas depois, Luís Alejandro Velasco procurou o jornal *El Espectador* e se vendeu para contar novamente o que todos acreditavam ser uma velha história. As entrevistas foram realizadas durante 20 dias, em conversas de 6 horas diárias, e revelaram que o que provocou o naufrágio não foi uma tempestade em alto mar, mas a sobrecarga do navio com mercadorias transportadas ilegalmente pela Marinha.

Personagem importante do jornalismo literário, García Márquez deixou registradas as suas memórias latinas carregadas, em sua maioria, das lutas sociais e históricos de enfrentamentos políticos de seu continente. O jornalista, escritor admirado e premiado, deixou seu rastro como referência do gênero, escrita íntima e subversiva. Com sua escrita, surge em nossa problematização a primeira pergunta que foi o combustível para impulsionar esse estudo: sendo jornalista, usando estratégias narrativas, como podemos contar uma história que não vivemos, como manter a objetividade se devemos transformar o acontecimento em informação com nossas próprias interpretações e construções sociais, ao mesmo tempo, como estarmos livres de nossa subjetividade?

Este artigo é baseado em uma pesquisa que analisou a escrita de Gabriel García Márquez na reportagem seriada “Relato de um naufrago”, considerada uma obra do

jornalismo literário. Este texto se situa em torno do questionamento sobre quais elementos da subjetividade do jornalista estariam presentes na narração da aventura de um marinheiro que ficou dias à deriva no Caribe colombiano.

Conceituamos as técnicas do cuidado de si e esse exercício de elevação espiritual do pensamento com a prática da escrita de si (RAGO, 2013). A escrita de si, consecutivamente, será utilizada como um dos eixos metodológicos para o desenvolvimento do processo de análise da narrativa do texto de García Márquez. Com a teoria de base foucaultiana desenvolvida por Rago, buscamos evidenciar, com recortes da obra, uma análise do discurso que revele as subjetividades no texto do jornalista García Márquez, a prática de liberdade, a atividade sobre o próprio eu em uma situação de relação com outros indivíduos e o expressar a verdade sem medo na atividade jornalística.

Partimos do pressuposto de que o jornalismo literário vai além da informação breve e objetiva. A discussão se faz sobre as possibilidades de ser um gênero que contemple a subjetividade do profissional, nas narrativas, nas escritas e nos moldes.

## **2. A escrita de si como farol para o jornalismo literário**

A viagem para o passado da humanidade que Michel Foucault fez, em busca da moral de gregos e romanos, revelou um modo de criação de si inspirado em práticas da liberdade para se atingir a beleza de ser, que se constitui na sobriedade e na autonomia (SOUSA FILHO, 2007). Um ser que busca a liberdade para ter controle dos seus próprios instintos e paixões, com perfeita harmonia entre o racional e o emocional.

Foucault encontra nos greco-romanos o cuidado de si. As artes do cuidado de si consideram um indivíduo que está em transformação o tempo todo, se encontra uma excitação de formulação de pensamento, a construção de uma própria verdade ética, a busca por outros modos de vida e um ser que se ocupa em um retorno para si reformulando a subjetividade, para então retornar para os outros com suas verdades construídas.

De acordo com Rago (2013), os antigos criaram técnicas de constituição de si inspiradas em práticas da liberdade. Essas práticas envolviam a obtenção da temperança que o indivíduo conquistaria desempenhando um trabalho rigoroso diário de autotransformação. A temperança consiste em equilibrar o lado racional e o emocional do ser, o ser belo é um ser temperante que sabe lidar com autonomia, não é administrado por outro ser e nem por seus próprios impulsos e paixões. É o oposto de ser narciso.

Segundo Marcello e Fischer (2014), para se atingir o cuidado de si tem de ser adquirido o sentido complexo que existe nos elementos: atitude, atenção e movimento (transformação). Ter atitude para escolher um modelo de existência, que requer uma forma particular de estar no mundo, de olhar para ele e, da mesma maneira, enfrentá-lo. Ter atenção para olhar de uma forma especial para si mesmo, converter o olhar de fora para si e, em seguida, isso direcionaria o olhar ao próprio pensamento. Por último, o movimento em sentido de transformação, que compreende mudança e atuação; modificação e trabalho. Com a consciência de que:

Não há cuidado de si que não implique um outro – ainda que isso não ocorra de qualquer forma. Trata-se de uma implicação que pressupõe hierarquia e autoridade ou, em uma palavra, relações de força. “Tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício da solidão, mas sim uma verdadeira prática social”(Foucault, 1985, p. 57) [...] A atitude de estar atento àquilo que se pensa seria indissociável daquilo que se faz, que se pratica e que se exerce diante dos outros e diante do mundo.[...] Ou seja, o cuidado de si designa um conjunto preciso (e austero) de práticas e exercícios – dizendo de outra forma, todo um conjunto de técnicas (tecnologias do eu) que se exerce sobre si mesmo com o fim último da transformação, da modificação, da transfiguração de si (MARCELLO; FISCHER, 2014, p. 164).

Para Gomes, Ferreri e Lemos (2018), o cuidado de si é um trabalho árduo e das mais variadas atividades que o ser pode se prestar a si mesmo e aos outros: cuidados estéticos com o corpo, saúde, prazeres, cuidar de doentes ou do bem-estar de alguém, meditar, conversar, ler e fazer anotações sobre o que foi falado, lido e ouvido.

Uma proposta oferecida por Margareth Rago (2013), a “escrita de si”, é entendida como uma das técnicas do cuidado de si e funciona como exercício de aperfeiçoamento espiritual do pensamento. Além disso, serve como brecha para o outro, uma atividade sobre o próprio eu em uma situação de relação com outros indivíduos. Segundo ela, a “escrita de si” dos gregos é uma prática diferente da confissão do cristianismo, uma relação com a verdade em que existe a repressão e a pena, exercida por um sistema de regras impostas, quando exposta. Foucault “[...] mostra que está caracteriza um tipo de narrativa de si e de relação com a verdade que visa purificar o eu pela revelação da mais profunda interioridade diante de uma autoridade” (RAGO, 2013, p. 50-51).

Trata-se, antes, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo. Assim, o eu de que se trata não é uma entidade isolada, mas um campo aberto de forças; entre o eu e o seu contexto não há propriamente diferença, mas continuidade, já que o “indivíduo se autoconforma a partir da relação com os outros, em uma experiência voltada para fora”, como observa Orellana

---

(2008, p. 480). Nessa perspectiva, as tecnologias de si que objetivam o sujeito são problematizadas como formas de sujeição, ao vincular o indivíduo estreitamente à sua identidade, enquanto nas técnicas de si aqui trabalhadas há um movimento ativo de autoconstituição da subjetividade, a partir de práticas da liberdade. (RAGO, 2013, p. 52).

Tendo em vista a ideia de Rago de que a escrita de si possibilita ao indivíduo a recriação da subjetividade, o ser nessa relação consigo mesmo conta ainda com a prática da parrésia, que, para Seligmann-Silva (2013), é uma verdade foucaultiana que contém uma franqueza retórica de expressar a verdade sem medo. Uma verdade acima de tudo política, que desafia e desordena a classe dominante. Quem fala essa verdade, fala para a direção que quer atingir, com consciência de opinião e argumentação com palavras claras.

O conceito oferecido pela autora é entendido como o farol que ilumina este texto e se desenvolve no modo de perceber características de um texto jornalístico movido pelas técnicas da escrita de si, de estar sob os efeitos da temperança para poder desenvolver um trabalho ético, social e legítimo para, assim, participar da vida comunitária.

O retorno ao pensamento de Rago faz-se interessante aqui como um percurso aceitável para mergulharmos no mar das intimidades de Gabriel García Márquez em seu “Relato de um Náufrago”. Essa obra genuína do jornalismo literário é mais profunda que uma boa reportagem. A escrita é um realce de subjetividades, com estética textual assinalada, evidências, fuga à censura e ruptura em relação ao governo ditatorial da época.

Parece-nos importante ressaltar esse navegar foucaultiano para refletir sobre ser jornalista e fazer um jornalismo literário. Essas peripécias do pensamento que se materializam na escrita, esse eterno movimento de se criar, de ser livre, de estar no mundo de uma maneira diferente e, com a mesma precisão, questioná-lo. Isso se dá pela fuga do sistema, pela atividade de se abrir para o outro e de se relacionar, refazendo assim, a subjetividade do jornalista, que se estende pela sua linguagem e mira uma ética do eu.

A análise discursiva desta pesquisa é feita a partir do conceito da escrita de si, que se trata “de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que abre possibilidade do devir, de ser outro do que se é, escapando às formas biopolíticas de produção do indivíduo” (RAGO, 2013, p. 52).

Para isso se realizar, precisamos elevar algumas práticas do cuidado de si foucaultiano, associadas ao conceito de Rago (2013), a categorias de análise. A primeira delas é expressar a verdade sem medo, definida por Seligmann-Silva (2013, p.15) dentro da obra de Rago como “uma verdade eminentemente política, que fere, provoca e

desmonta o *establishment*”; a segunda é a relação com os outros e suas queixas coletivas. Ainda segundo Seligmann-Silva (2013, p.17): “a autora recua e mostra-se como uma coletora e apresentadora de outras vidas. Ela surge diante do leitor como uma contadora de histórias que também dizem respeito a ela de modo essencial”. A terceira e última é o realce de subjetividades no texto narrado em primeira pessoa de García Márquez, “falar da própria subjetividade, fazê-la emergir na escrita aponta, portanto, para uma dimensão política de luta pelo direito de existir em sua singularidade” (RAGO, 2011, p. 15). Além de conceitualizar o nosso pensamento em relação à escrita de si aplicada nas práticas do jornalismo, nos permite também um olhar mais profundo, com a amplitude que precisamos para analisar a obra em sua complexidade.

### **3. A escrita de Gabriel García Márquez na história de Luis Alejandro Velasco**

A maior intenção aqui é promover uma percepção sobre a existência da subjetividade do narrador, Gabriel García Márquez, enquanto conta no texto uma história que não viveu, apenas registrou os relatos do protagonista. Deste modo, vamos usar uma divisão em duas partes com características dos conceitos de cuidado de si (Foucault, 2002) e da escrita de si de Margareth Rago (2011; 2013), como elementos que fundamentam a análise, procurando perceber as motivações, estratégias discursivas, a subjetividade e a ligação do jornalista com o outro, Luís Alejandro Velasco.

Segundo Galvão (2014, p. 3) “o retorno a si corresponde a uma mudança ou transformação da subjetividade”. As atividades que compõem a ocupação consigo mesmo podem ser físicas ou espirituais. Os cuidados com a saúde, exercícios físicos, alimentação, meditar, ler, escrever, poupar-se de situações ruins e conversar são alguns atos que funcionam como técnicas do cuidado de si: um retorno para si mesmo que transforma a subjetividade, e depois, provoca o retorno para os outros, como explica Galvão (2014).

Segundo Gomes, Ferreri e Lemos (2018), o cuidado de si se desenvolve com o exercício político e as práticas diárias de liberdade, de não se encontrar dentro de um sistema imposto, oferecendo aos sujeitos possibilidades de invenção de determinados modos de vida para si mesmo, de fugas, para experiência de transformação do ser.

A escrita de si, conforme entendida por Rago (2011), surge como uma das tecnologias pelas quais o indivíduo se forma e estabelece a própria subjetividade, dentro dos padrões de uma atividade que é basicamente ética, experimentada como uma prática da liberdade. Ainda de acordo com Rago (2011, p. 5), “não se trata de um dobrar-se sobre

---

o eu objetivado, afirmando a própria identidade, mas de uma busca de transformação, de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro do que se é”.

A escrita de si possibilita ao indivíduo assumir o controle da própria vida, “torna-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade” (RAGO, 2013, p. 52). Além disso, o conceito de *parresía* que Foucault encontrou nos gregos como sendo mais uma das tecnologias de si nos parece propício aqui para pensar sobre a decisão de escrita de García Márquez em “Relato de um Náufrago”: “diz Foucault que, ao contrário da retórica e da lisonja, a *parresía* pode ser definida como o dizer a verdade, sem dissimulação, o falar francamente não importa para quem” (RAGO, 2013, p.53). Mas não se trata apenas de se expressar sem medo, trata-se de dizer a verdade sabendo dos riscos (inclusive de violência) que ela pode provocar (RAGO, 2011, p. 11).

É fundamental contextualizar a situação política da época em que a reportagem foi construída (1955): o país estava sob o comando de um governo militar em que existia, entre outros tipos de controle, a censura e a perseguição a quem o questionasse. As proposições de Foucault, de acordo com Rago (2013), dizem que o Estado investe muito no controle da vida das pessoas, de seus gestos, condutas e crenças. Assim, é possível pensar em uma busca por uma nova existência na (des)construção da subjetividade: um ser que busca uma visão de fora do sistema que o controla, que questiona. Não só o jornalista fazia parte de uma possível oposição ao governo, mas também parte da população colombiana. Assim, nasce a motivação de um questionamento coletivo.

A apresentação de um texto em formato de autobiografia, algo visivelmente encontrado na obra analisada, pode ser considerada uma estratégia de fuga, um cuidado consigo mesmo, a exposição de uma falácia social do país de maneira sutil, narrada com a revelação da verdade dita pelo marujo sobre o naufrágio. Foi questionadora, claramente direcionada aos governantes, mas desenvolvida com esperteza atrelada a um cuidado.

### **3.1 Expressar a verdade sem medo, praticar a liberdade**

A ideia de *parresía* encontrada no texto de Rago (2011) e definida por Foucault nos parece adequada para refletir sobre a decisão de Gabriel García Márquez em escrever sobre o naufrágio mesmo sob o risco da perseguição política. Segundo Rago (2011), encontrada entre os gregos como uma das tecnologias de si que constituem as “artes do viver”, para que haja a *parresía* é necessário que, ao dizer a verdade:

---

abra-se, instaure-se, afrente-se o risco de machucar o outro, de irritá-lo, de deixá-lo em cólera e de suscitar de sua parte um certo número de condutas que podem ir até a mais extrema violência. É, portanto, a verdade, no risco da violência. (FOUCAULT, 2009 apud RAGO, 2011, p. 11).

Articulamos isso ao contexto político que a Colômbia de García Márquez vivenciava. Segundo Gillard (2006), o general Gustavo Rojas Pinilla derrubou o governo de Laureano Eleuterio Gómez e instaurou uma ditadura que era inimiga do comunismo, perseguia os liberais e conservadores e durante o seu governo (1953-1957), aumentou a criminalidade e intensificou as guerrilhas. Na introdução da reportagem já em formato de livro, o jornalista conta como foi chegar à parte que causaria o enfrentamento com o outro. Mesmo assim, de maneira tática, praticou a expressão da verdade, que é política e o envolvia subjetivamente. García Márquez (1970, p. 7-8) lembra:

O que não sabíamos nem o naufrago nem eu, quando tentávamos reconstituir minuto a minuto sua aventura, era que aquele rastrear esgotante havia de nos conduzir a uma nova aventura, que causou uma certa agitação no país, que custou a ele sua glória e sua carreira e que a mim poderia ter custado a pele.

Diz Gillard (2006, p. 86) que, após a publicação dos quatorze capítulos da reportagem, o jornal recebeu uma “Carta do chefe da Armada a *El Espectador*” em que dizia que o comando da Armada foi obrigado a intervir de maneira direta na publicação da reportagem sobre o naufrago, e segue:

[...] e a fim de que o *El Espectador* não continue fazendo este tipo de publicações que atentam contra a instituição naval, abusando ao mesmo tempo da boa-fé da opinião pública, solicitou-se a intervenção da Assessoria de Informação e Propaganda do Estado a fim de que esta entidade, assessorada por um oficial da Marinha, aprove as publicações que a seguir se façam a respeito do acidente sofrido pelo ARC Caldas.

García Márquez provoca o sistema com a escolha de narrar verdade. Segundo Seligmann-Silva (2013, p. 15), “quem pratica esse *falar-franco* sabe que a verdade que emite é também a sua própria opinião, que defende com palavras claras e diretas”. De acordo com Gillard (2006, p. 87), o texto gerou uma briga direta do jornal contra o poder “e o já prestigioso repórter convertia-se em um conhecido inimigo da ditadura” (GILLARD, 2006, p. 87). Esta escolha de coragem em falar a verdade vale para a prática da liberdade, que é o ato de o indivíduo se criar em uma atividade ética (RAGO, 2013).

Nos primeiros capítulos da história do marujo e já no primeiro parágrafo da escrita, podemos perceber uma estratégia discursiva (GARCÍA MÁRQUEZ, 1970, p. 13):



---

A 22 de fevereiro nos anunciaram que voltaríamos à Colômbia. Estávamos há oito meses em Mobile, Alabama, Estados Unidos, onde o A.R.C. Caldas foi submetido a reparos eletrônicos e em seus armamentos.

O nome deste capítulo inicial é “Como eram meus companheiros mortos no mar”. Todos os outros 13 capítulos seguem com títulos sutis. O jornalista guia o leitor neste ritmo por todos os capítulos que compõem a série. Ela parece um romance como outro qualquer que ele viria a escrever em sua carreira. Apenas na terceira parte, intitulada como “Vendo quatro dos meus companheiros se afogarem”, quando os leitores colombianos já estavam conquistados pela reportagem de García Márquez, foi que a verdade veio à tona:

Pensei que havia afundado. E um momento depois, confirmando meu pensamento, surgiram à minha volta numerosas caixas da mercadoria com que o destróier fora carregado em Mobile. Eu me mantive à tona, entre caixas de roupa, rádios, geladeiras e toda espécie de utensílios domésticos que saltavam confusamente batidos pelas ondas[...] Um pouco aturdido, me agarrei a uma das caixas que boiavam e tolamente fiquei a contemplar o mar. O dia era de uma claridade perfeita. Salvo as fortes ondas produzidas pelo vento e a mercadoria dispersa na superfície, não havia nada naquele lugar que se parecesse com um naufrágio (1970, p. 31).

Podemos identificar, nas escolhas de García Márquez, a prática do cuidar de si. O fato de escolher dizer a verdade, mas usar a estratégia narrativa de contá-la em primeira pessoa, como se fosse o naufrago, foi um método que buscou para contar uma verdade direcionada, que consistia em ser uma verdade com carga política e social, mas, ao mesmo tempo, com a perspicácia de se proteger.

Não ter começado a reportagem em série criticando o governo e a Marinha foi uma estratégia subjetiva de fuga do sistema de censura imposto por esse mesmo governo. Lembra García Márquez (1970) que até o governo celebrou os primeiros capítulos do romance do naufrago e, quando foi publicada a verdade, já era tarde demais para censurar sem que parecesse uma “patifaria política”. “El nudo explosivo se planteó al tercer día cuando decidimos destapar la causa verdadera del desastre, que según la versión oficial había sido una tormenta.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 460)<sup>6</sup>.

A escrita da reportagem de Gabriel García Márquez conta, com tranquilidade, uma história, até então, brevemente conhecida pela população colombiana. Com astúcia, o jornalista revela um ato proibido no navio, praticado e depois ocultado pelos oficiais do país. O próprio jornalista sabia para quem iria pesar aquela informação quando revelada.

---

<sup>6</sup>“O nó explosivo foi levantado no terceiro dia, quando decidimos destapar a causa verdadeira do desastre, que segundo a versão oficial havia sido uma tempestade”.

García Márquez (1970, p. 9), ao receber a pauta, relatou: “foi como se me houvesse dado uma bomba-relógio”. E já suspeitava que a história havia sido mal contada antes.

O jornalista lembra, em seu livro de memórias, que só aceitou fazer a reportagem por conveniência profissional, mas que não a assinaria. Por isso a decisão, que foi essencial, de escrever o texto em primeira pessoa e cuidar de si, “así me preservaba de cualquier otro naufragio en tierra firme.” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 459)<sup>7</sup>.

“Vão dar a ordem para jogar fora a carga”, pensei. Mas a ordem foi outra, dada com voz segura e descansada: “Pessoal que transita na coberta, usar salva-vidas.” [...] Se a balsa fosse abastecida com água, biscoitos empacotados, bússola e instrumentos de pesca, certamente estaria tão vivo como agora. Mas com uma diferença: não teria sido tratado como um herói. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1970, p. 28; 129).

Ainda que a história seja uma vivência do marinheiro, é possível notar em cada parágrafo as escolhas de narração feitas pelo jornalista. A decisão de contar tal história da maneira como foi narrada, pode ser entendida também como uma prática da liberdade do autor, de ser mais do que se é, de se transformar. Pesa na situação o contexto em que a reportagem ganhou vida. Segundo García Márquez (1970), a história já havia sido contada muitas vezes, estava confusa, corrompida e os leitores já pareciam irritados com o suposto heroísmo do marujo, além do fato de que a Marinha havia criado uma assessoria de informação para ele. O jornalista foi capaz de agir com autonomia, de perceber a situação em que estava inserido, de ser ético e expor verdades.

Sólo por ganar tiempo escribí una serie de notas de ambiente sobre el regreso del naufragio a casa de sus padres, cuando sus acompañantes de uniforme me impidieron una vez más hablar con él, mientras le autorizaban 'una entrevista insulsa para una emisora local'. Entonces fue evidente que estábamos en manos de maestros en el arte oficial de enfriar la noticia, y por primera vez me conmocionó la idea de que estaban ocultando a la opinión pública algo muy grave sobre la catástrofe. Más que una sospecha, hoy lo recuerdo como un presagio. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 457)<sup>8</sup>.

Gabo diz que a decisão de começar a história pelos últimos dias dos marinheiros em Mobile foi uma escolha para preparar os leitores antes de revelar o fato em si:

También acordamos no terminarlo en el momento de pisar tierra firme, sino cuando llegara a Cartagena ya aclamado por las muchedumbres, que era el punto en que los lectores podían seguir por su cuenta el hilo de la narración con los datos ya publicados. Esto nos daba catorce capítulos para mantener el suspenso durante dos semanas. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2002, p. 460).

<sup>7</sup> “Assim me preservava de qualquer outro naufrágio em terra firme”.

<sup>8</sup> “Só para ganhar tempo, escrevi uma série de notas sobre o retorno do naufrágio à casa de seus pais, quando seus companheiros de uniforme me impediram mais uma vez de falar com ele, enquanto o autorizavam a 'uma entrevista insultante para uma emissora local'. Então ficou evidente que estávamos nas mãos dos mestres na arte oficial de esfriar as notícias e, pela primeira vez, fiquei chocado com a ideia de que eles estavam escondendo da opinião pública algo muito sério sobre a catástrofe. Mais do que uma suspeita, hoje eu me lembro disso como um presságio”.

Pensamos esta atitude também como prática da liberdade. A esperteza usada por García Márquez é considerada como autonomia para agir de maneira diferente. Pensando nas outras publicações sobre o marinheiro, foi capaz de libertar-se do controle do governo de forma criativa, governando a si mesmo no ato de narrar singularmente o acontecimento, de maneira que a escrita impactasse a vida das pessoas no país. Mais uma vez, em transformação subjetiva, de retornar para si e consecutivamente para os outros.

### 3.2 Subjetividade na relação com os outros

A construção de um sujeito ético, moral e livre, que é possibilitada pelas práticas do cuidado de si, oferece junto disso uma forma de lidar e também cuidar do outro. O cuidar de si não tem a ver com uma dispersão do mundo, e sim, com a forma de agir nele. De acordo com Rago (2013, p. 50), a “escrita de si” é compreendida como um cuidado de si e também como uma porta de acesso para o outro, “como trabalho do próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstruir uma ética do eu”.

Entre o ser e o contexto que o cerca não existe um distanciamento, mas sim um vínculo de finalidade. O movimento permitido pela prática da liberdade, que se enquadra em uma das técnicas de si, reconstrói a subjetividade do indivíduo. Exercitar a escrita de si para buscar a reinvenção de si mesmo, ir reformando as suas subjetividades a partir de suas vivências, lutas, decepções, consagrações, suas experiências humanas, e usar essa escrita como ferramenta política é o que podemos identificar na obra de García Márquez.

Existem trechos em que são claramente evidenciadas as subjetividades do escritor, em escolhas de práticas comuns do personagem e de uma parcela da sociedade. Costumes que naturalizam relacionamentos extraconjugais ou o machismo, por exemplo. Poderiam ser elementos evitados, já que não alteram substancialmente a narrativa da história ou inserem fatos importantes, se fosse algo do outro que não pertencesse a ele também.

Nos dias de folga, fazíamos o que fazem todos os marinheiros em terra: íamos ao cinema com a namorada e nos reuníamos depois no Joe Palooka, uma taberna do porto, onde tomávamos uísque e armávamos uma briga de vez em quando. [...] Nossas amigas de quase todas as noites sabiam da notícia da viagem e decidiram se despedir, se embebedar e chorar como prova de gratidão. [...] Acho que nenhum marinheiro foi mais ajuizado que o cabo Miguel Ortega. Durante seus oito meses em Mobile não esbanjou um dólar. Investiu em presentes para a esposa, que o aguardava em Cartagena, todo o dinheiro que recebeu. Naquela madrugada, quando embarcamos, ele estava na ponte, justamente falando da esposa e dos filhos, não por acaso, porque nunca falava de outra coisa. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1970, p. 13; 16; 18).

Percebemos no tom da escrita do jornalista, quando usa a palavra “ajuizado”, uma possível justificação de ser atípico um homem ter ficado fora de casa por oito meses e ainda assim não ter cometido nenhum adultério, que era o comum dos outros que estavam ali, justificando assim uma prática subjetiva do autor compartilhada com os outros.

Outra percepção que podemos fazer é sobre a relação de afinidade do jornalista que, na época, desenvolvia críticas de cinema para o jornal *El Espectador*, com a história contada pelo marujo. “Mesmo crítico de cinema e repórter, buscou sempre o gênero de seus primeiros anos de jornalismo como um meio de expressar suas emoções, inquietações ou opiniões, como um simples desabafo às vezes, e sempre como um exercício” (GILLARD, 2006, p. 22). Há nesse aspecto mais um elemento de subjetividade que podemos perceber em relação com o outro, de ser comum a eles, de contar a história do outro com práticas de si, uma história que também diz respeito à vida dele:

[...] na noite em que vimos O Motim do Caine. Disseram a um grupo de companheiros que era um bom filme sobre a vida num caça-minas. O melhor do filme, no entanto, não era o caça-minas, mas a tempestade. Estávamos todos de acordo: o recomendável, num caso como o daquela tempestade, era modificar o rumo do navio, como fizeram os amotinados. Entretanto, nem eu nem nenhum dos meus companheiros estivera numa situação daquela, de maneira que nada no filme nos impressionou tanto quanto a tempestade. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1970, p. 13-14).

Estas ligações e relações com os outros aparecem também quando, na escrita, encontramos depoimentos que falam de símbolos que são comuns da sociedade como um todo. Encontramos isso, por exemplo, nestes trechos:

[...] Tenho uma ideia nebulosa de que, durante toda a manhã, fiquei prostrado no fundo da balsa, entre a vida e a morte. Nesses momentos, pensava em minha família e a via tal como me contaram agora que esteve durante dias do meu desaparecimento. Não fiquei surpreso com a notícia de que tinham me prestado homenagens fúnebres. [...] Senti, então, uma forte pressão no estômago e o ventre se mexeu agitado por um rumor longo e profundo. Tentei evita-lo mas foi impossível. Levantei-me com muita dificuldade, tirei o cinturão, baixei as calças e senti um grande alívio com a descarga do ventre. Era a primeira vez em cinco dias. E pela primeira vez em cinco dias, os peixes, desesperados, bateram contra a borda, tentando romper os sólidos cabos da rede. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1970, p. 71; 62).

A relação com o outro pode ser notada nessas pequenas coisas também, os alívios que a escrita nos faz sentir, as dores, as alegrias, os medos, todas essas sensações da história do protagonista, recebidas e transformadas para o sentimento dos outros.

Outro momento que nos chama a atenção na obra são os realces de estar no limite, o dilema enfrentado entre a vida e a morte do marinheiro interessou para quem não viveu isso. O retorno dessa experiência para o outro, narrada de maneira romântica, faz com

---

que o outro, que nunca esteve nesses limites, se interesse, uma vez que a morte é uma preocupação que afeta todo ser humano.

Desferi outro golpe na sua cabeça. Depois, tentei arrancar as duras lâminas protetoras das guelras e nesse momento não soube se o sangue que corria por meus dedos era meu ou do peixe. Estava com as mãos feridas e as pontas dos dedos em carne viva. O sangue voltou a despertar a fome dos tubarões. Custa acreditar que, naquele momento, sentindo à minha volta a fúria das feras famintas, sentindo repugnância pela carne ensanguentada, estive a ponto de jogar o peixe aos tubarões, como fiz com a gaiivota. Estava desesperado, impotente ante aquele corpo sólido, impenetrável. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1970, p. 80).

Diz Cavallari (2014), a partir de Foucault, que escrever sobre acontecimentos cotidianos proporciona ao indivíduo uma autoavaliação em que é possível olhar tanto para suas falhas, como para as virtudes. A ação de contar uma história a alguém pode se caracterizar como uma escrita de si, que automaticamente se volta para outro em sentido de experiência compartilhada. No retorno duplicado, afetado pela experiência, o ser recria sua subjetividade e, a partir disso, se volta para o outro.

Quando ouvi sua voz, percebi que mais que a sede, a fome e o desespero, me atormentava o desejo de contar o que havia acontecido. Quase me afogando com as palavras, eu lhe disse sem respirar: - Sou Luís Alexandre Velasco, um dos marinheiros que caíram, no dia 28 de fevereiro, do destróier *Caldas*, da Armada Nacional. Pensava que todo mundo tinha a obrigação de conhecer a notícia. Supunha que tão logo dissesse meu nome, o homem se apressaria a me ajudar. Mas ele não se alterou. Continuou no mesmo lugar, me olhando, sem se preocupar sequer com o cachorro, que lambia meu joelho ferido. – É marinheiro de galinhas? – perguntou-me, pensando talvez nas embarcações costeiras que trafegam com porcos e aves de corte. – Não. Sou marinheiro de guerra. [...] – Que país é este? – Colômbia. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1970, p. 116).

Neste recorte, observamos o contar de si como atividade, necessidade e relação com o outro. Mas, mais que isso, existe neste recorte uma discussão que pode ultrapassar esse limite de subjetividade modificada que se volta para o outro, percebe-se um diferente modelo de vida entre o marujo e o homem que o encontrou, práticas de si e experiências diferentes. Assim como as diferentes Colômbias dentro da mesma Colômbia.

Este último trecho também nos oferece um pensamento sobre a acessibilidade das notícias em um país desigual. Se fossem acessíveis a todos, poderiam colaborar com a fuga dos seres objetivados em suas formas de criação biopolíticas (RAGO, 2013). Como a atividade jornalística, os meios e os jornalistas poderiam colaborar com as práticas do cuidado de si, em um sentido do sujeito (leitor, ouvinte, telespectador, receptor ou interlocutor, de um modo geral), com estímulos provocados a partir da possibilidade do

---

duplo-retorno. O jornalismo e tudo que lhe cabe em atividade de liberdade, em um ato político, deve se voltar para o outro e provocar a transformação de suas subjetividades.

#### **4. Destino final: considerações sobre a navegação científica**

Estudar jornalismo e ter desenvolvido esta pesquisa transformou a subjetividade da própria estudante, que, neste momento, se percebe outra do que era quando ingressou no curso. Foi possível fazer um balanço crítico sobre as exigências impostas dentro das instituições de ensino pelos semideuses caducos, que, por muitas vezes, estão à deriva. E fazem a tripulação comandada por eles se sentir próxima a um naufrágio, marujos nauseados pelas voltas que são todas iguais, pelas técnicas engessadas de navegação, pelos rumos que não podem ser outros se não forem aqueles pelos quais já navegaram.

O objeto apareceu como um veleiro em um mar turvo. O decorrer desse caminho do simples, mas complexo, do entender e se perder, do voltar e não ser nada daquilo, foi, por vezes, como ter caído do veleiro em alto mar e ter ficado dez dias sem comer, nem beber e ainda por cima, não saber nadar. Ao final, é disso que se trata a pesquisa.

O jornalismo literário de Gabriel García Márquez, feito em uma época tecnologicamente diferente, com suas diversas artimanhas textuais, sua aproximação com o outro e seus recursos visuais conquistados por uma apuração eficaz, fala da atualidade e validade de nossa pesquisa, ainda que seja um objeto datado e considerado antigo.

As investigações nos proporcionam o entendimento da amplitude de discussões que podem haver em torno do jornalismo literário, que nos parece um objeto mestiço e abundante para ser estudado. É um tema que permite diversas possibilidades de teorias a serem agregadas nos estudos sobre o gênero. Abordar o jornalismo literário guiado por uma luz foucaultiana nos viabilizou a compreensão das complexidades que giram em torno da obra escolhida. O farol iluminou o contexto político, os princípios jornalísticos e o feito do jornalista Gabriel García Márquez em “Relato de um Naufrago”.

A transformação pregada pelo conceito de Rago (2013), inspirada por Foucault, nos permite considerar nossa pesquisa como uma prática da escrita de si, assim como consideramos o feito de García Márquez como um ato de transformação, com a prática da liberdade, o falar a verdade sem medo e ser além do que se é. Estudar o jornalismo literário iluminado por conceitos foucaultianos foi enriquecedor pelo fato de ter nos permitido um aprofundamento de conhecimento em algo que ultrapassa os limites do jornalismo convencional. Tal gênero nos permite essa aproximação com os conceitos de

Foucault sobretudo por ser mais humanizado, saindo das zonas de conforto das redações, tendo uma estrutura textual mais livre, consentindo um texto íntimo, mais próximo do leitor, favorecendo a busca pela subjetividade do jornalista nas entrelinhas da reportagem.

Acreditamos em um jornalismo mais intimista e posicionado, que escolha um lado, que tome partido e que ele seja o das fraquezas sociais, em um jornalismo que ainda serve fortemente como ferramenta social aos menos favorecidos. Consideramos o jornalismo que caminha com os cuidados de si, seja o que conta as histórias dos naufragos, seja o dos paus de arara ou das vidas que ninguém vê. Essas abordagens são geralmente praticadas pelos jornalistas que ninguém governa, donos de si e de suas vivências.

O cuidado de si, na escrita de García Márquez, se estabelece nas artes do pensamento, na experiência da diversidade, em textos muito bem marcados, com seu estilo autêntico e romântico. Seus textos sugerem outros modos de investigar, de se relacionar com as fontes, de escapar de sistemas, de ser verídico e, o tempo todo, definindo escolhas éticas e políticas. Para uma marinheira de primeira viagem que chegou até o seu destino, com todas as tempestades enfrentadas, podemos considerar que o feito deste trabalho foi como praticar a liberdade e ter levado para a vida os louros dos heróis.

## Referências

- CAVALLARI, M. H. R. História da Sexualidade 3-o cuidado de si. **Horizontes**, v. 32, n. 2, 2014.
- GARCÍA MÁRQUEZ, G. **Relato de um naufrago**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1970.
- GARCÍA MÁRQUEZ, G. **Vivir para contarla**. Buenos Aires: Debolsillo, 2002.
- GILARD, J. Prólogo. In: GARCÍA MÁRQUEZ, G. **Textos Andinos 1954 – 1955. Obra Jornalística 2 1954-1955**. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 13-95.
- GOMES, M. M.; FERRERI, M.; LEMOS, F. O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 30, n. 2, p. 189-195, maio/ago. 2018.
- MARCELLO, F. de A.; FISCHER, R. M. B. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 157-175, maio/ago. 2014.
- RAGO, M. A aventura de contar-se: Foucault e a escrita de si de Ivone Gebara. In: SOUZA, L. A. F.; SABATINE, T. T.; MAGALHÃES, B. R. (orgs.). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, pp. 1-18.
- RAGO, M. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. 1ª reimpressão. Campinas: Editora Unicamp, 2013.
- SELIGMANN-SILVA, M. Viver no feminino – uma mais sete histórias de vida. In: RAGO, M. **A aventura de contar-se**. 1ª reimpressão. Campinas: Editora Unicamp, 2013.
- SOUZA FILHO, A. Foucault: o cuidado de si e a liberdade, ou a liberdade é uma agonística. **IV Colóquio Internacional Michel Foucault**. Natal, 2007.